

De Rubem Braga

RIO CARIOCA

NAQUELA CIDADE SEM NOME

QUE PARECIA OURO PRETO



Rubem Braga

Perdido de Noite Na Cidade Escura Esbarrando Em Muralhas Seculares — Vozes de Soldados Falando Inglês e a Clara Voz de Alguma Italia na de Dentro de Uma Casa — Encontro Com Outros Brasileiros — A Vitoria do Flamengo — Espero Que a Gente Não Faça Má Figura

COM A F.E.B. NA ITALIA, 26 out. 944 — De Rubem Braga, correspondente do DIARIO CARIOCA — Via aérea — Squeff, do "Globo", e Silvio da Fonseca, da Agencia Nacional, resolveram dormir na casa de uma familia italiana, naquela pequena cidade de nosso percurso. Aírei do jeep o bernal e a japona e descí uma ladeira nas trevas. Pensava ir para

a beira da estrada pegar alguma carona para seguir viagem. Perdi-me na cidade escura, esbarrando em muralhas de séculos e em estátuas enormes nas esquinas das praças. Fazia muito frio e passavam por mim vultos de soldados, falando inglês. Longe, como nos contos de crianças, vi uma luzinha, e marcheí para lá. Era o que esperava: uma taberna. Pen-

sei: com esse bernal, cigarros, as boas botas e um pouco de vinho para esquentar a alma, viajarei a noite inteira. Subitamente, me agradava mais que tudo viajar sozinho, até meu destino, no selo daquela noite da Italia devastada: noite preta, onde só se ouvia uma ou outra conversa em inglês de soldados perambulantes e às vezes, vindo de dentro de

alguma casa fechada, a clara voz de alguma italiana. Quantas horas de viagem teria em minha frente? Não sabia, nem sabia mesmo o nome da cidade escura que me lembrava Ouro Preto com suas ladeiras que não acabavam nunca.

— Una botiglia di vino. Arranjaram-me também um pedaço de pão preto. Saf

(Conclue na 2ª pag.)

NAQUELA CIDADE SEM NOME QUE PARECIA OURO PRETO

(Conclusão da 1ª pag.)

reconfortado da tasca cheia de fumaça e mergulhei outra vez na noite fria. Orientei-me, passei uma porta da cidade, achei o caminho da estrada. Três homens me detiveram e um deles me pediu uma informação em italiano. Expliquei que não era dali. Percebi então que entre si eles falavam português: eram brasileiros. Que estariam fazendo ali, tão longe do nosso acampamento?

Foi preciso voltar à taberna para conversar. Quando eu lhes disse que saíra do Brasil pouco menos de um mês atrás, me olharam com inveja e uma espécie de an-

siedade, como se esperassem muito de mim. E faziam perguntas pueris: "Como vai o Rio de Janeiro?" ou "Como está aquilo lá?" — e pediam — "Conte alguma coisa, velho!"

Eram sargentos do Grupo de Aviação de Caça. Seu campo ficava a alguns quilômetros de distancia.

— Lá não há ordem de sair, mas também não há nenhuma ordem de não sair. Então a gente vem aqui tomar alguma coisa.

Tinham saído do Brasil muitos meses atrás. Estiveram no Panamá, estudando e ajudando a patrulhar a zona do Canal; depois receberam instrução nos Estados Unidos. Contam coisas das terras onde passaram mas param para me pedir noticias — como se eu pudesse dizer a cada um como vai sua mulher, ou sua pequena, ou sua roda de amigos. E football? Só sei de uma novidade, vinda pelo radio: o Flamengo deu de 6 a 1 no Fluminense. Os animos se exaltam — e de repente, perdidos na sordida fumaceira daquela tasca, unico ponto de valor de uma fria e escura cidade italiana, nos surpreendemos a discutir football.

— "Xexéu hoje está de guarda, tem uma cama vaga lá em nossa barraca. Vamos dormir no acampamento".

Em Tarquinia
Out. 44 - FEB
pg. 36 54

14/11/44

16/11/44

- se gu -

76

Arranjamos um caminhão americano, e enquanto vamos aos solavancos na estrada irregular os homens cantam velhas canções americanas e sambas de antigos carnavais. Saltamos depois e andamos quarenta minutos na lama. No dia seguinte o oficial de dia me apresentou ao tte-cel. Nero Moura, comandante de um Grupo de Aviação de Caça Brasileiro. Explica que seus homens vieram para lutar juntamente com os americanos, integrando uma de suas unidades.

— Ainda não entramos em fogo. Nossos homens até agora têm realizado vôos para reconhecer o teatro de operações e se adaptarem aos métodos particulares de luta neste setor. Muito breve, entretanto, estaremos cumprindo nossa missão.

(Quando o leitor brasileiro ler esta correspondência, que vai por via aérea e um tanto retardada, é bem provável que o "muito breve" do cel. Moura já seja uma realidade).

O oficial brasileiro mostra-me um aparelho dos que são usados pelos nossos pilotos: é um "Thunderbolt", que eles preferem chamar de P-47. Agora é um jovem capitão que me explica:

— Normalmente, com esse tipo de avião, nossa tarefa seria proteger a força aliada contra raids aéreos do inimigo. O P-47 é um caça excelente para a luta: sobe com uma velocidade de rai e é rápido de manobrar. Aqui na Itália, porém, a aviação alemã pouco aparece. Usamos o "Thunderbolt" como bombardeiro médio, e metralhamos com ele concentrações de tropas ou comboios de caminhões inimigos.

Estou agora em uma roda de oficiais. Quase todos saíram do Brasil em fevereiro ou março, e estão ansiosos para entrar em luta.

— "No meio da aviação aliada a nossa turma da FAB é muito pouca coisa" — o que falava apontou as longas fileiras de aviões de todas as cores e tipos que se alinhavam no campo, a perder de vista — "mas espero que a gente não faça má figura".

Um "jeep" me deixou na estrada de rodagem e dois minutos depois eu estava na boléia de um "pai da estrada" americano, seguindo meu caminho.

(2m Tarquinia -
Out. 44 - FEB)
pg. 36

14/11/44 16/11/44

27